

AS PARTICULARIDADES DOS PERSONAGENS NA PEÇA “QUASE MINISTRO” DE MACHADO DE ASSIS

Tatiane Felipe Santana Bovolato; Universidade de São Paulo/USP; tati.fesantana@gmail.com.

RESUMO

Machado de Assis explorou com afinco a questão do favor a sociedade do século XIX em seus contos, romances, peças e críticas teatrais. O escritor ironiza o agregado como ser cômico de seu lugar na sociedade e perspicaz o bastante para saber usufruir desse papel como homem livre, ou seja, há um reconhecimento nessa troca de favores. Partindo do ponto de vista elucidado e utilizando o contexto histórico do século XIX, o intuito é analisar a peça teatral “Quase Ministro” de Machado de Assis.

Palavras-chave: Favor; Machado de Assis; Peça; Homem livre.

Data de recebimento: 24/03/2023

Data do aceite de publicação: 10/06/2023

Data da publicação: 10/07/2023

THE PARTICULARITIES OF THE CHARACTERS IN THE PLAY “QUASE MINISTRO” BY MACHADO DE ASSIS

ABSTRACT

Machado de Assis diligently explored the question of favoring nineteenth-century society in his short stories, novels, plays and theater reviews. The writer ironizes the aggregate as a being aware of his place in society and perceptive enough to know how to enjoy this role as a free man, that is, there is recognition in this exchange of favors. Starting from the elucidated point of view and using the historical context of the 19th century, the aim is to analyze the play “Quase Ministro” by Machado de Assis.

Keywords: Favor; Machado de Assis, Play, Free man.

INTRODUÇÃO

“O patriarcalismo urbanizou-se” – é assim que Gilberto Freyre (2004b, p. 78) retrata a passagem do patriarcalismo dos senhores de engenho para a cidade.

Se não é um despropósito afirmar que tal sentença é bastante atual em pleno século XXI, quem dera no século XIX em que a sociedade brasileira era monocultural, escravista e o poder se encontrava estagnado nas mãos de senhores ricos e abastados. Logo, ao homem livre não restava grandes perspectivas para manter-se e tal situação o privava de um modo de vida independente. Talvez a proximidade com pessoas de posses ou reconhecidas os auxiliaria a se inserir nos meios sociais e obter um vínculo mais achegado junto a esses senhores. Embora tal modo de vida não alterasse o *status* social dos agregados perante a sociedade, ainda assim era um modo de sobrevivência em um ambiente tão nocivo.

Machado de Assis explorou com afincos tais aspectos da sociedade no século XIX em seus contos, romances, peças e críticas teatrais. É certo que, na grande maioria, por um viés jocoso e crítico, uma vez que expôs o lado ocioso dos agregados e favorecidos, Machado os revelou como seres ambiciosos. O escritor não apresenta o agregado e favorecido como um ser sem consciência de seu espaço social. Por meio de seus escritos, ironiza o agregado como ser cômico de seu lugar na sociedade e perspicaz o bastante para saber usufruir desse papel como homem livre, ou seja, há um reconhecimento nessa troca de favores. Com esse olhar, o escritor descreve e analisa uma sociedade aristocrática com manias de fidalguia em que o trabalho não era reconhecido como uma fonte de integridade e as mulheres não tinham possibilidades de funções dignas. Foi assim, por meio de sua obra, que Assis (ASSIS, 1959, O Espelho, nº 5, p. 2) pretendeu desnudar o problema da nação: “Consideremos o teatro como um canal de iniciação. O jornal e a tribuna são os outros dois meios de proclamação e educação pública.”

AS PARTICULARIDADES DOS PERSONAGENS NA PEÇA “QUASE MINISTRO” DE MACHADO DE ASSIS

Analisando as críticas machadianas é notável observar que seu intuito era educar e moralizar a sociedade, pois entendia que apenas deste modo poderia expor a hipocrisia, como bem corrobora Alfredo Bosi:

O objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro durante o Segundo Império. A referência local e histórica não é de somenos; e para a crítica sociológica é quase-tudo. (BOSI, 2003, p. 11)

Como exposto por Bosi, Machado foi um autor nacional porque escrevia sobre costumes humanos. Foi um espectador da nossa sociedade e não se privava de apresentar o homem tal qual ele era, seja o rico, pobre, o escravo ou os donos do poder. Sendo assim, após questões essenciais e indispensáveis sobre a obra e o autor, a partir deste momento se faz necessário um aparato peculiar em relação a peça teatral e o contexto histórico.

CONTEXTO HISTÓRICO

O escravo e o senhor representam a desigualdade incontestável da hierarquia social do século XIX. O relacionamento deste para com aquele é irrefutável e claramente abusivo. Ao meio, entre senhor e escravo, há o agregado - uma figura altamente interessante nesse meio social, posto não ser escravo, mas não livre suficiente para ascender à hierarquia. Como tal posição era vulnerável e somava a falta de uma alcunha clara para tal categoria em um ambiente excepcionalmente nefasto, restava-lhe a sujeição.

Em relação a esse tópico, a professora Simone Rossinetti Rufinoni no livro *Favor e Melancolia: Estudo Sobre A Menina Morta*, relata de modo claro similar atitude. Embora a obra abarque um comportamento à luz mais pessoal, particular e sério das personagens femininas, para o drama machadiano será abordado por um viés mais satírico em relação ao agregado. De todo modo, ambas obras convergem em relação às atuações dos agregados na sociedade a qual cada um se refere. Ainda assim, é importante ressaltar que ser livre e pobre no século XIX não era um empreendimento fácil aos homens muito menos às mulheres, conforme a pesquisadora esclarece:

Quando não há trabalho - nem tampouco divisão do trabalho - não há como sustentar formas de estratificação social. Na sociedade escravocrata, o trabalho refere-se ao encargo do cativo, cuja consideração desumanizadora de objeto o torna como que um ponto de comparação em negativo. Sem o reconhecimento da autonomia pessoal pelo trabalho livre, qualquer ocupação assemelha-se à condição servil. (RUFINONI, 2010, p. 57)

Assim, a situação na qual se encontravam os agregados em uma sociedade escravocrata era humilhante e não restava muito o que desempenhar, visto que o trabalho não era tido como nobreza ou elevação da alma, mas algo corrompedor. Corroborava a questão em que não se viam os senhores trabalhando, apenas escravos e, por sua vez, o labor era entendido como algo degradante - análogo à escravidão.

A filósofa Hannah Arendt também traz à luz tal pensamento quando esclarece sobre o conceito de *Vita Activa* e desenvolve o tema pela perspectiva Aristotélica:

Aristóteles distinguia três modos de vida (*bioi*) que os homens podiam escolher livremente, isto é, em inteira independência das necessidades da vida e das relações

AS PARTICULARIDADES DOS PERSONAGENS NA PEÇA “QUASE MINISTRO” DE MACHADO DE ASSIS

delas decorrentes. Esta condição prévia de liberdade eliminava qualquer modo de vida dedicado basicamente à sobrevivência do indivíduo - não apenas o labor, que era o modo de vida do escravo, coagido pela necessidade de permanecer vivo e pela tirania do senhor, mas também a vida de trabalho dos artesãos livres e a vida aquisitiva do mercador. (ARENDETT, 2007, p. 20)

Ou seja, à luz do ponto de vista filosófico e literário, o favor era o que restava ao agregado e se igualar a esses senhores e senhoras se transformou em uma necessidade. Certamente que não era uma das tarefas mais fáceis, posto que ficar à mercê de outro e dispor de tempo e energia para satisfazer vontades alheias por questão de sobrevivência era abissal.

É importante refletir que o posicionamento do agregado não era realmente simples, pois não possuíam meios e condições de contribuir com os recursos da casa. Já os escravos tinham serventia, afinal eram os principais responsáveis pelo lucro dos seus donos - seja na lavoura, colhendo, ou então dentro de casa, servindo -, e, caso não trouxessem o retorno financeiro esperado, eram vendidos. De todo modo, o escravo ainda resultaria em dinheiro e, mesmo de forma atroz, cumpriria seu objetivo - gerar lucro -, diferente do agregado que, por não ter uma incumbência específica, tinha de realizar todo o trabalho no âmbito doméstico e também agir como ser invisível para não atrapalhar o bom andamento do casarão.

Esses agregados não reconheciam tal situação como um problema social, aceitavam e procuravam se adaptar do melhor modo e meio possível, valendo-se de situações tristes e, por vezes, embaraçosas, o que evidencia a tamanha falta de percepção da condição em que se encontravam. Ruffinoni evidencia de modo claro tal lógica:

Desse modo, eles não se reconhecem como sujeitos históricos e longe estão de identificar como é produzido tal estado de coisas que os mantém inativos e servis. Sem meios de identificar o problema social do qual são vítimas, sentem -se ora culpados, ora injustiçados diante do outro menos branco, menos “nobre”. [...] Sem ao menos a valorização da individualidade, que implicaria o mérito contra o privilégio, não há vias de questionamento, não há o caminho para o desejo de liberdade. [...] O sofrimento passivo dos dependentes os faz vítimas do estado de alienação. Esta, no entanto, refere-se antes à realidade do mundo servil que à da sociedade industrial. As relações do senhor e escravo, senhor e servo - no caso dos agregados - implicam a desqualificação do trabalho humano que, em vez de figurar como “essência de autoafirmação do homem”, passa a ser o oposto, algo análogo à animalidade a que estão sujeitos os cativos. (RUFFINONI, 2010, p. 93-94)

Ou seja, por não conhecer e assimilar seu lugar no âmbito em que vive, o agregado se torna produto do meio e desenvolve princípios mesquinhos e equivalentes à sociedade vigente. Como ser passivo, tampouco desenvolve uma tomada de atitude para agir de encontro a situação ao qual se depara e, embora contornado por todo martírio citado, adapta-se a essa sociedade e sucumbe ao sistema. Ajustar-se a essa sociedade não era um privilégio apenas do agregado. Averiguando o contexto histórico, observa-se não somente a submissão do agregado ao senhor da casa, mas toda família carecia de afincamento ao dono e muitos dos que dependiam de favores desses senhores de sobrado se colocavam em tal condição. Logo, é simples perceber que, se a respectiva família e pessoas próximas se punham sob o jugo do dono da casa, o papel do agregado, certamente, era mais aflitivo.

Era nessa sociedade e em meio a esse espírito que o agregado habitava. Sendo o menos profícuo dentro de uma esfera social, é provável que se dispunha a realizar todo tipo de tarefa possível. Também não era por nada ou apenas autêntica bondade que os senhores de sobrado possuíam agregados e se valiam de favores. Um agregado não precisava ser remunerado, não

AS PARTICULARIDADES DOS PERSONAGENS NA PEÇA “QUASE MINISTRO” DE MACHADO DE ASSIS

carecia de grandes atenções e contribuía com honra e fidelidade. A pesquisadora Maria Sylvania de Carvalho Franco no livro *Homens Livres na Ordem Escravocrata* expõe a respeito da constituição do agregado no momento em que, ao menos em teoria, o tráfico de escravos foi extinto:

“Portanto, as próprias condições nas quais se organizou a exploração mercantil, isto é, grandes propriedades destinadas a uma cultura onerosa, desenvolvidas numa época de dificuldades de mão de obra, possibilitaram a sobrevivência do caipira independente: as terras improdutivas podiam, sem prejuízo para o proprietário, ser cedidas de favor. E eis aí estabelecido o morador em terra alheia, nela vivendo por sua própria conta e risco. De outra parte, essas condições mesmas, isto é, a possibilidade de sobrevivência através de uma reelaboração do antigo estilo de vida, em larga medida obstaram o aproveitamento regular do caipira nos serviços da grande lavoura, mesmo quando a falta de braços se tornou premente. Assim, as condições básicas em que a cultura do café se desenvolveu - grande propriedade cuja exploração era necessariamente limitada - permitiram a sobrevivência do caipira tradicional e o preservaram da transformação em “trabalhador livre” (FRANCO, 1997, p. 99 - 100).

Assim, os senhores, ao ficarem com propriedades extensas e negligenciadas, recorrem ao trabalhador livre para cuidar de suas terras sem qualquer obrigatoriedade financeira ou vínculo empregatício. Colaborações de cunho pessoal e pequenas ajudas financeiras terminam por servir como forma de pagamento, então, devido à grande necessidade de recursos humanos e colaboração financeira, o homem livre se coloca na posição de agregado. Nesse meio surgem os meandros, os atrasos, os apadrinhamentos e os serviços feitos por troca de favores. Trocas e favores em que apenas uma parte termina por ser beneficiada. Deve-se levar em consideração também que, apesar de todo martírio, o agregado julgava-se um “trabalhador livre” - liberdade essa, mesmo que fantasiosa, conferia-lhe certa dignidade, segundo o próprio ponto de vista.

Franco, ao dissertar sobre agregados e camaradas, oferece relatos de agregados que procuravam deixar claro a não obrigação com os senhores e obtenção de seu próprio salário. Contudo, recebiam proteção e, por vezes, recorriam aos senhores quando necessário. Essas assertivas só comprovam a submissão, uma vez que, quando se é livre e independente, não há motivos para prestações de contas com veemência. Como Franco ressalta, “sua afirmação de independência exprime, na verdade, seu estado de sujeição: o adiantamento de salário, o mais das vezes transforma o credor da força de trabalho em devedor de seus meios de subsistência”(1997, p. 103). Acompanhar a transição do trabalhador livre rural para trabalhador livre da cidade tem relação direta em observar, inclusive, a transformação do senhor de engenho em aristocrata, conforme apresenta Gilberto Freyre:

É curioso constatar que as próprias gerações mais novas de filhos de senhores de engenho, os rapazes educados na Europa, na Bahia, em São Paulo, em Olinda, no Rio de Janeiro, foram-se tornando, em certo sentido, desertores de uma aristocracia cujo gênero de vida, cujo estilo de política, cuja moral, cujo sentido de justiça já não se conciliavam com seus gostos e estilos de bacharéis, médicos e doutores europeizados. Afrancesados, urbanizados e policiados. [...] As cidades tomaram das fazendas e dos engenhos esses filhos mais ilustres - e também os padres e os que se dedicavam à carreira das armas. Os inferiores em inteligência, ou os sem saúde para emigrar ou seguir a vida militar, é que foram, em numerosos casos, sucedendo os avós na administração dos domínios rurais; e estes reduzindo-se em importância e extensão; dividindo-se entre herdeiros distantes, indiferentes à agricultura e fixados nas cidades. (FREYRE, 2004b, p.75).

Como elucidado por Freyre, os filhos das casas grandes não se educavam para ficar

AS PARTICULARIDADES DOS PERSONAGENS NA PEÇA “QUASE MINISTRO” DE MACHADO DE ASSIS

na fazenda. Estudavam e aprendiam no meio urbano para permanecer nesse meio. Circular no âmbito do teatro, saraus literários e na cidade. Os que não serviam para o estudo, eram renegados às administrações da fazenda. Não se pode esquecer, porém, que os costumes de outrora não foram alterados em sua totalidade. Apesar de toda instrução, muitos hábitos estavam impregnados na cultura da sociedade. A mulher, a título de exemplo, ainda permanecia em casa e havia uma clara distinção entre frequentadores da casa e da rua. Freyre também reflete sobre tal temática:

O patriarcalismo brasileiro, vindo dos engenhos para os sobrados, não se entregou logo à rua; por muito tempo foram quase inimigos, o sobrado e a rua. E a maior luta foi a travada em torno da mulher por quem a rua ansiava, mas a quem o pater famílias do sobrado procurou conservar o mais possível trancada na camarinha e entre as molecas, como nos engenhos; sem que ela saísse nem para fazer compras. Só para a missa. Só nas quatro festas do ano – e mesmo então, dentro dos palanquins, mais tarde de carro fechado. (FREYRE, 2004b, p.86).

Apenas ocorreu a urbanização do patriarcalismo, conforme Freyre comenta em sua obra. Embora houvesse levantes e anseios de alterar a situação social de então, os donos do poder que possuíam pensamentos liberais, não detinha de força moral suficiente para abrir mão de tudo que dispunha em prol da sociedade. Nesse ponto é importante atentar a respeito da ambiguidade política traçada no século XIX. Os filhos de senhores de engenho, ainda que nutridos de pensamentos de liberdade provenientes da Europa, por meio de suas atitudes se mostravam contraditórios com seus próprios preceitos. Um exemplo disso é a própria cultura escravocrata e do favor que demonstravam o quanto o país estava com ideias arcaicas, como afirma Roberto Schwarz “por sua mera presença, a escravidão indicava a impropriedade das ideias liberais; o que entretanto é menos que orientar-lhes o movimento. Sendo embora a relação produtiva fundamental, a escravidão não era o nexos efetivo da vida ideológica” (1981, p. 15 - 16). Deste modo, no segundo reinado os senhores que estudavam procuravam introduzir uma ideologia de outra cultura no Brasil. Contudo, não estavam dispostos a abrir mão da vida que tinham e se quer compreendiam a defasagem estrutural que a sociedade brasileira passava.

A despeito de tais ideias Machado de Assis desenvolveu críticas, contos, peças e romances expressando essas inexistências de ideologias dos homens no poder. Ao longo de suas críticas teatrais não era incomum observar considerações direcionadas à escassez de qualidade da arte dramática no Brasil. O intuito de Machado não era a arte pela arte, mas a educação para além do teatro, jornal e literatura. Desnudar a sociedade ao público por meio do teatro e da literatura seria, conforme pensava e compartilhava, o meio correto para o público desenvolver a lucidez do espaço e da sociedade aos quais estava inserido e, por conseguinte, o homem tomaria posições e questionaria as injustiças e opressões da sociedade vigente, conforme exposição abaixo:

A arte para nós foi sempre órfã; adornou-se nos esforços, impossíveis quase, de alguns caracteres de ferro, mas, caminho certo, estrela alva, nunca os teve. Assim, basta a boa vontade de um exame ligeiro sobre a nossa situação artística para reconhecer que estamos na infância da moral; e que ainda tateamos para darmos com a porta da adolescência que parece escondida nas trevas do futuro. A iniciativa em arte dramática não se limita ao estreito círculo do tablado – vai além da rampa, vai ao povo. As platéias estão aqui perfeitamente educadas? A resposta é negativa. Uma platéia avançada, com um tablado balbuciante e errado, é um anacronismo, uma impossibilidade. Há uma interna relação entre uma e outro [...] A iniciativa, pois, deve ter uma mira única: a educação. Demonstrar aos iniciados as verdades e as concepções da arte; e conduzir os espíritos flutuantes e contraídos da platéia à

AS PARTICULARIDADES DOS PERSONAGENS NA PEÇA “QUASE MINISTRO” DE MACHADO DE ASSIS

esfera dessas concepções e dessas verdades. Desta harmonia recíproca de direções que a platéia e o talento se acham arredados no caminho da civilização (ASSIS, 1859, O Espelho, nº 4, p. 1).¹

Analisando as críticas teatrais de Machado é possível perceber que, de acordo com sua perspectiva, a temática cultural, à época, não atingia a expectativa de alcançar e educar o público dada a ausência de autenticidade vigente do teatro nacional, pois, no geral, tratava-se de uma transcrição europeia. Em suas considerações no ensaio “Instinto de Nacionalidade”, Machado de Assis disserta sobre tal carência teatral:

Esta parte pode reduzir-se a uma linha de reticência. Não há atualmente teatro brasileiro, nenhuma peça nacional se escreve, raríssima peça nacional se representa. As cenas teatrais deste país viveram de traduções, o que não quer dizer que não admitissem alguma obra nacional quando aparecia. Hoje, que o gosto do público tocou o último grau da decadência e perversão, nenhuma esperança teria quem se sentisse com vocação para compor obras severas de arte. Quem lhes receberia, se o que domina é a cantiga burlesca ou obscena, o canção, a mágica aparatosa, tudo o que fala aos sentidos e aos instintos inferiores? (ASSIS, 1952, p. 148).

Seu posicionamento sempre foi de apontar um Brasil com bons e grandes dramaturgos, críticos e romancistas. Copiar a arte, cultura e costumes não seria o correto, uma vez que hábitos e conceitos devem ser adequados e adaptados ao local. Imitar uma cultura ou ideologia e aplicar no Brasil, como se fazia à época por meio da cultura francesa, apenas demonstrava um espírito carente e dependente cultural e político. E isso, Machado sempre deplorava.

É digno de nota que Machado de Assis não estava solitário ao criticar o hábito brasileiro de arremedar o europeu. José de Alencar, em sua crônica publicada no *Diário do Rio de Janeiro* em 29 de outubro, se manifesta ao cobrar que o brasileiro copia tudo dos franceses, exceto a *flânerie*:

Nós que macaqueamos dos franceses tudo quanto eles têm de mau, de ridículo e de grotesco, nós que gastamos todo o nosso dinheiro brasileiro para transformar-nos em bonecos e bonecas parisienses, ainda não nos lembramos de imitar uma das melhores coisas que eles têm, uma coisa que eles inventaram, que lhes é peculiar e que não existe em nenhum outro país a menos que não seja uma pálida imitação: a *flânerie*. (ALENCAR, 1955, p. 63).

As argumentações críticas - e, diga-se, paralelas - de ambos demonstram a inquietação sobre o panorama literário do Brasil. Contudo, ainda que um grande crítico e cobrador de uma boa cultura brasileira, Machado tampouco deixava de reconhecer quando havia espetáculos notáveis, conforme revela ao proferir uma crítica ao próprio José de Alencar:

Mais recentemente, nestes últimos doze ou quatorze anos, houve tal ou qual movimento. Apareceram então os dramas e comédias do Sr. J. de Alencar, que ocupou o primeiro lugar na nossa escola realista e cujas obras *Demônio Familiar* e *Mãe* são de notável merecimento. Logo em seguida apareceram várias outras

¹ Em todo este artigo foram preservadas as citações dos periódicos na íntegra sem qualquer mudança gramatical. Nas demais situações em que isso ocorre, suprimiu-se essa explicação.

AS PARTICULARIDADES DOS PERSONAGENS NA PEÇA “QUASE MINISTRO” DE MACHADO DE ASSIS

composições dignas do aplauso que tiveram tais como os dramas dos Srs. Pinheiro Guimarães, Quintino Bocaiúva e alguns mais, mas nada disso foi adiante. Os autores cedo se enfasiaram da cena que a pouco e pouco foi decaindo até chegar ao que temos hoje, que é nada. (ASSIS, 1952, p. 148)

Machado desenvolvia cobranças por saber do potencial dos escritores brasileiros. Sentia falta das cores e costumes do Brasil, pois estava cansado de ver em romances e teatro retratos brasileiros moldados à moda europeia. Assim, notando a necessidade de observar os costumes do Brasil nos dramas apresentados à época, resolveu adaptar uma peça em um sarau literário. No mais, viver só de crítica não ascenderia em nada a disciplina ao público, concepção tão almejada por Machado de Assis e que será notada no drama a seguir.

ESTUDO DA PEÇA

Adentrando à peça “Quase Ministro” é curioso observar o ponto de vista machadiano sobre a sociedade e a questão do favor. A peça é apresentada com uma Nota Preliminar, explicando: “Esta comédia foi expressamente escrita para ser representada em um sarau literário e artístico dado a 22 de novembro do ano passado [...], em casa de alguns amigos na rua da Quitanda.” (ASSIS, 1957, p. 151). O objetivo de tais saraus era animar o público escolhido e também colaborar com os escritores para fazer conhecer seus trabalhos. Jean Michel-Massa na obra *A juventude de Machado de Assis* explana sobre o intento de tais saraus:

A partir de 1862, estas reuniões assumiram outro sentido. Com efeito, a imprensa registrava frequentemente esses encontros. Por outro lado, as igrejinhas literárias se diversificavam, cresciam em número. A finalidade dos organizadores era sem dúvida a de sacudir a apatia do público brasileiro que só se movimentava para os espetáculos de ópera, ou para as representações de teatro. E, ainda que a finalidade não fosse atingida, os saraus forneciam aos escritores as suas obras, para receberem as impressões de um público limitado, é certo, mas de um público de elite. Não se poderá pronunciar, a respeito deles, a denominação de “salões literários”, em comparação com a vida literária da Europa, porque as damas não eram admitidas! (MASSA, 1971, p. 369)

Esses saraus tinham uma enorme importância, pois unia o melhor da literatura em um espaço. Lá se encontravam políticos, dramaturgos, poetas e toda classe literária do século XIX. Por meio dessas reuniões, cada um apresentava sua produção a esses companheiros e todos compartilhavam seu parecer, realizavam indicações e se animavam. A propaganda social era um modo excelente para ascender no meio literário. Foi isso que ocorreu, pois, de acordo com o jornal *Diário do Rio de Janeiro*, datado de 24 de novembro de 1863, a peça artística e literária foi realizada no dia 22 de novembro para a despedida do pianista Arthur Napoleão e tinha como finalidade, também, aviventar o espírito literário.

AS PARTICULARIDADES DOS PERSONAGENS NA PEÇA “QUASE MINISTRO” DE MACHADO DE ASSIS

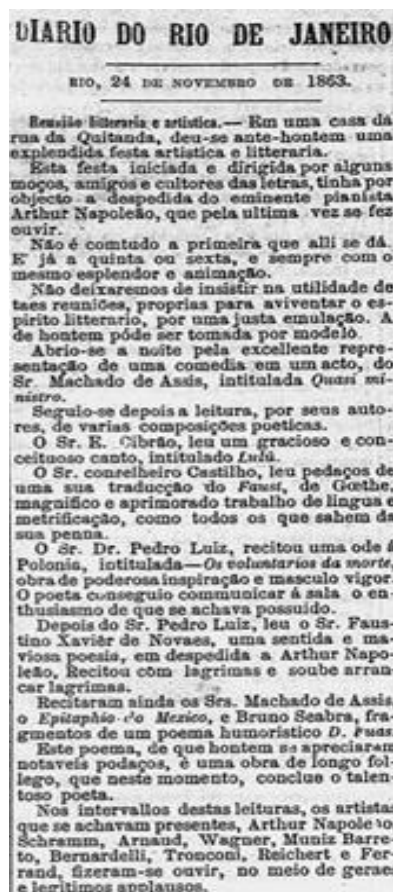


Figura 1 – *Diário do Rio de Janeiro* datado de 24 de novembro de 1863

O jornal registrava tais encontros e a peça, mesmo após algum tempo, conquistou certa notoriedade e era apontada como obra referencial ao se falar em Machado de Assis - levando-se em consideração que a peça foi apresentada em 1863, conforme figura 2.

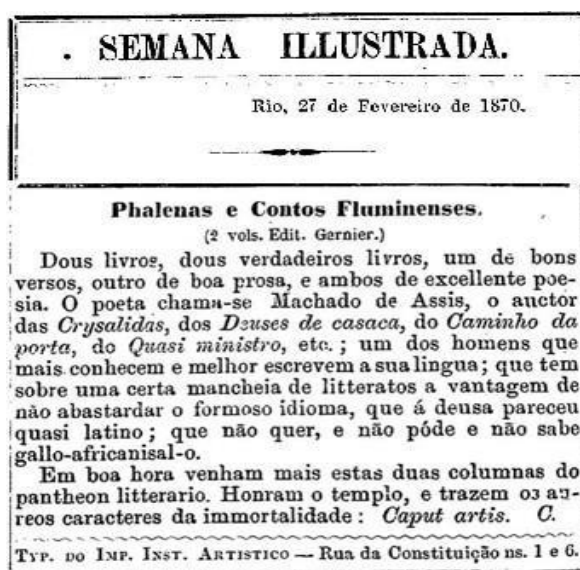


Figura 2 – *Semana Illustrada* datado de 27 de fevereiro de 1870

AS PARTICULARIDADES DOS PERSONAGENS NA PEÇA “QUASE MINISTRO” DE MACHADO DE ASSIS

A peça foi representada por amigos e cúmplices do escritor Machado de Assis e, por se tratar de um drama de comédia, é provável aludir que há inspiração em fatos e pessoas reais. O drama se passa o tempo todo no âmbito privado de forma a ressaltar que o ambiente e comportamento público nada mais é que uma extensão da vida privada da sociedade. Na *Cena I* há o deputado Martins, o dito quase ministro, que recebe seu primo Silveira em casa para uma mera conversa. Em um certo momento, Martins expõe sua incerteza em ser convidado para uma das pastas do ministério. Silveira não manifesta tanto entusiasmo por já ter escutado sobre a temática na rua. Abaixo um trecho do diálogo:

MARTINS - Acabaste a história do teu desastre?

SILVEIRA - Acabei.

MARTINS - Ouve agora o meu.

SILVEIRA - Estás ministro, aposto!

MARTINS - Quase.

SILVEIRA - Conta-me isto. Eu já tinha ouvido falar na queda do

ministério. MARTINS - Faleceu hoje de manhã.

SILVEIRA - Deus lhe fale n'alma!

MARTINS - Pois creio que vou ser convidado para uma das pastas.

SILVEIRA - Ainda não fostes?

MARTINS - Ainda não; mas a coisa já é tão sabida na cidade, ouvi isto em tantas partes, que julguei dever voltar para casa à espera do que vier. (ASSIS, 1957, p. 156- 157).

Mesmo sem a nomeação e a formalidade do pedido, Martins revela que a cidade já comenta em toda parte. Então, após tal diálogo e ao longo das demais cenas, vê-se o desenrolar de seis indivíduos interessados no quase ministro - um conjunto de homens com variadas posições à procura de favores, sendo alguns mais francos que outros. José Pacheco é o primeiro, tece elogios a Martins já visando apresentar artigos que escreveu com ideias políticas, o estimulando a lê-los para observar o quanto pode colaborar pelo país. Quando José Pacheco se retira, Martins e Silveira já o chamam de parasita:

MARTINS - Que me dizes a isto?

SILVEIRA - É um parasita, está claro.

MARTINS - E virá jantar?

SILVEIRA - Com toda a certeza.

MARTINS - Ora esta!

SILVEIRA - É apenas o começo; não passas ainda de um quase-ministro. Que acontecerá quando o fores de todo? (ASSIS, 1957, p.163).

Em seguida, há o poeta Carlos Bastos, o qual trouxe um poema para expressar sua inspiração em Martins. O cômico de toda situação é que Martins se quer foi nomeado ministro, tornando a situação embaraçosa e dramática:

BASTOS - E podia ser o contrário? Há alguém que fuja à sua sina? V. Exa. não é um exemplo? Não se acaba de dar às suas brilhantes qualidades políticas a mais honrosa sanção? Corre ao menos por toda a cidade.

MARTINS - Ainda não é completamente exato.

BASTOS - Mas há de ser, deve ser. (depois de uma pausa) A poesia e a política acham-se ligadas por um laço estreitíssimo. O que é a política? (ASSIS, 1957, p.165).

AS PARTICULARIDADES DOS PERSONAGENS NA PEÇA “QUASE MINISTRO” DE MACHADO DE ASSIS

Não bastando toda situação constrangedora, surge Mateus já concedendo os parabéns ao futuro ministro e informando ter inventado uma peça de artilharia. Menos inibido que os demais, já solicita uma colaboração futura:

MATEUS - Primeiramente deixe-me dar-lhe os parabéns; sei que vai ter a honra de sentar-se nas poltronas do Executivo, e eu acho que é do meu dever congratular-me com a nação.

MARTINS - Muito obrigado. (à parte) É sempre a mesma cantilena.

MATEUS - O país tem acompanhado os passos brilhantes da carreira política de V. Exa. Todos contam que, subindo ao ministério, V. Exa. vai dar à sociedade um novo tom. Eu penso do mesmo modo. Nenhum dos gabinetes anteriores compreendeu as verdadeiras necessidades da pátria. Uma delas é a idéia que eu tive a honra de apresentar há cinco anos, e para cuja realização ando pedindo um privilégio. Se V. Exa. não tem agora muito que fazer, vou explicar-lhe a minha idéia.

MARTINS - Perdão; mas, como eu posso não ser ministro, desejava não entrar por ora no conhecimento de uma coisa que só ao ministro deve ser comunicada. (ASSIS, 1957, p.169-170).

A peça é marcada por mais três indivíduos: Luís Ferreira, o qual solicita a Martins que batize o filho e também Agapito, que trouxe a tiracolo Müller - um cidadão *hanoveriano* que tem como proposta contratar o teatro lírico. “MÜLLER - Tenho debalde perseguido os ministros, nenhum me tem atendido. Entretanto, o que eu proponho é um verdadeiro negócio da China.” (ASSIS, 1957, p. 176-177). É inegável admitir que há uma sátira clara sobre o favor e traz à tona conflitos próprios dos indivíduos do século XIX. São personagens que procuram se valer de meios mais simples, como o favor, para ascender à hierarquia ou ter prestígio profissional. Embora de modo cômico, Machado deixa transparecer a intensidade e seriedade do problema social no Brasil. A peça “Quase Ministro” escancara a política do favor e do agregado, expõe o fracasso e o atraso brasileiro e adiciona a tal conteúdo o contexto do século XIX - escravidão, tráfico negreiro e monocultura. Machado o faz de um ponto de vista sarcástico, pois desenrolar um assunto tão escancarado de um modo óbvio não teria um alcance positivo.

Divergente de tais conjecturas, Machado manifestava os problemas sociais de maneira esmiuçada, não apenas do burguês, mas da classe oprimida, algo que finaliza por ser bastante perturbador, posto que o oprimido é sempre a vítima e o opressor o condenável. A peça demonstra que o favorecido, ou o futuro agregado, utiliza de tais meios para se valer de ascensão social. Ao explanar que o rebaixado da sociedade tem artimanhas, Machado revela algo perturbador e um ponto que Schwarz esclarece do seguinte modo:

Machado de Assis pormenorizava e apurava a dimensão não burguesa da existência burguesa do Brasil, e a estendia ao âmbito da convenção artística, na forma generalizadora da transgressão. Este passo naturalmente se via facilitado pelas evoluções antiliberais que na Europa começavam a empurrar em direção da ilegalidade assumida, evoluções de que era possível emprestar ideias e formas “adiantadas”. Em consequência, escravismo e clientelismo não são fixados apenas pelo lado óbvio, do atraso, mas também pelo lado perturbador e mais substantivo de sua afinidade com a tendência nova. Esta “modernidade”, que se poderia prestar alibi de classe, no universo machadiano entretanto não alimenta ilusões: ela só lhe aumenta a miséria, pois, sem elogiar o atraso, desqualifica o progresso de que aquele faz parte. (SCHWARZ, 2000, p. 183-184)

Apurar o clientelismo e o escravismo pelo lado cômico do oprimido é além de fugir

do óbvio. Ao tratar o agregado como um ser ciente do meio em que habita, Machado de Assis na peça “Quase Ministro” demonstra que para educar, como era seu anseio, e colaborar com uma vanguarda que auxiliaria a nova situação da cultura no Brasil, teria que desenvolver temas e literaturas que apresentassem episódios que desnudassem o cotidiano do favorecido, visto que o opressor já dispunha de toda uma sociedade ao seu dispor

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na peça “Quase Ministro”, Machado de Assis não camuflou as características e anseios dos futuros agregados, pois o apresenta como um negociante do meio ao qual está inserido. É notório observar que tais personagens sabem barganhar, bajular, reivindicar e se infiltrar. Tais características apenas contribuem para certificar de que forma o século XIX foi ofensivo a essas figuras, posto que, conforme apresentado, era necessário se submeter a inúmeras situações embaraçosas para alçar objetivos e granjear um futuro, no mínimo, decente.

Assim, quer retratado de modo ofensivo quer retratado como mártir, a ironia de Machado de Assis, em relação ao favor ou agregado, apenas escancara uma sociedade em total dissonância com uma suposta liberdade plagiada da Europa, como Roberto Schwarz expressa:

É claro que a liberdade do trabalho, a igualdade perante a lei e, de modo geral, o universalismo eram ideologia na Europa também; mas lá correspondiam às aparências, encobrendo o essencial - a exploração do trabalho. Entre nós, as mesmas ideias seriam falsas num sentido diverso, por assim dizer, original. (SCHWARZ, 1981, p. 14).

Não havia força moral para lutar em favor da minoria desfavorecida, logo, coube a “prosa literária testemunhar isso” (SCHWARZ, 1981, p. 14). Machado de Assis serviu de testemunha por meio de suas obras ao escrever o comportamento sob duas perspectivas sociais e esses simulacros são admiráveis de se observar. Penetrar na sociedade do século XIX por meio de obras espirituosas e que estimulam à consciência social, concebe uma forma única de literatura. Embora seja uma obra longínqua da literatura brasileira, é considerável salientar a contemporaneidade temática e, nesse quesito, Machado de Assis é um mestre. Apenas associar a obra de Machado por escolas e classes literárias é desdenhar de um autor tão à frente de sua sociedade, uma vez que se esforçou em utilizar os veículos de comunicação que estavam ao seu alcance – teatro e jornal – para instruir, moralizar e civilizar a população, além do propósito de criar um teatro nacional para inserir peças de caráter brasileiro.

Mesmo se valendo de um discurso inverossímil, conforme observado na peça “Quase Ministro”, havia fundamentação na articulação ideológica e refletia suas convicções e originalidade ao seu trabalho, pois um escritor com um conjunto tão amplo de criações não abandonaria o discurso ficcional. Ele, ao contrário, se valeu desta conjuntura para parodiar a indústria do favor tão comum à época por meio de um veículo de comunicação de acesso aos seus leitores. O jornal e o teatro proporcionaram a Machado de Assis explorar novos métodos de desenvolvimento da escrita e essa experimentação literária trouxe uma gama imensa de qualidade à literatura. Quando as assimilações são apresentadas em sua obra, atando linhas ideológicas, históricas e literárias com posicionamentos que o autor propôs ao longo de sua carreira, rompe paradigmas e demonstram o quão abrangente a literatura machadiana é diante das muitas linhas de pesquisas que o rodeiam. Afinal, Machado é, deveras, um autor que transcende o tempo, como se atesta em toda sua obra.

AS PARTICULARIDADES DOS PERSONAGENS NA PEÇA “QUASE MINISTRO” DE MACHADO DE ASSIS

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José. *Ao correr da pena*. São Paulo: Edições Melhoramentos. 1955. v.6.
- ARENDRT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. 10ª ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2007.
- ASSIS, Machado de. O passado, o presente e o futuro da literatura brasileira”. In ASSIS, _____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Companhia José de Aguiar Editora, 1973, vol.III.
- BOSI, Alfredo. *O Enigma do olhar*. 1ª. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na ordem escravocrata*. 4ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- FARIA, João Roberto. Machado de Assis, leitor e crítico de teatro. *SciELO Brasil*. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000200020. Acesso em: 28 jul. 21.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: Formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal*. 49ª ed. São Paulo: Global Editora, 2004.
- _____. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 15ª ed. São Paulo: Global Editora, 2004.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MASSA, Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis*. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1971.
- RUFINONI, Simone Rossinetti. *Favor e melancolia: estudo sobre A menina morta, de Cornélio Penna*. São Paulo: Edusp/Nankin, 2010.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- _____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. 4ª ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

Documentos consultados na Biblioteca Nacional - Hemeroteca

Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1855 - 1858

Semana Illustrada, Rio de Janeiro, 1861 - 1875

O Espelho: Revista de literatura, modas, indústria e artes, Rio de Janeiro - 1859